



Empresários, negócios e família: um estudo prosopográfico sobre a elite econômica de Rio Grande na virada do século XIX para o século XX (1884-1913)¹

Maria Karina Ferraretto²

No final do século XIX e, principalmente, no início do século XX, o processo de industrialização adquire vulto nos grandes centros urbanos brasileiros como São Paulo e Rio de Janeiro, mas ganha forma também no Rio Grande do Sul. Empresários de todos os portes de capital investiram em variados ramos de produção, com maior ou menor sucesso. Alguns tornaram-se verdadeiros representantes de uma elite urbana local que se estabelecia. Este trabalho tem por objetivo apresentar de forma prática e descritiva como o método prosopográfico, quando alinhado a algumas ferramentas digitais, pode contribuir para o estudo dessas elites. Aproxima-se dessa questão através do estudo de um grupo de empresários da cidade de Rio Grande, no extremo sul do país. O recorte temporal divide-se entre 1884, ano em que a mais antiga indústria da região, a Fábrica Rheingantz (de tecidos), transforma-se em sociedade por ações, e 1913, momento que antecede a Primeira Guerra Mundial, quando mudanças econômicas e políticas iriam alterar profundamente as relações de poder entre as diferentes regiões brasileiras.

No período em questão, a sociedade de Rio Grande acompanha a chegada dos grandes inventos da modernidade. O transporte público passa a ser possível através dos bondes, as ruas tornam-se mais iluminadas a noite, as visitas ao litoral e os banhos de mar viram parte do cotidiano. No relógio das fábricas inventam-se horários de trabalho e descanso. Os frigoríficos substituem a carne de sol das charqueadas pela carne fresca, pois os vagões de trem refrigerados permitem o transporte de longa distância. Já o porto da cidade, último entreposto comercial antes dos navios partirem para Montevidéu e Buenos Aires, transforma-se em um atrativo para a instalação das fábricas. Os novos empreendimentos dependem do comércio internacional, ou para a importação de máquinas e matérias-primas, ou ainda para a exportação de seus produtos. Esse comércio de importação e exportação é dominado por antigas firmas comerciais, que se encarregam de intermediar o escoamento da produção. Trens e navios partem da cidade lotados de

¹ O presente trabalho é o resultado parcial da dissertação de mestrado a ser defendida pela autora no segundo semestre de 2017, e corresponde especificamente a algumas questões metodológicas da pesquisa.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS. Bacharel em História pela UFRGS. Bacharel em Comunicação Social – habilitação em jornalismo, pela mesma universidade. Contato: mkarinaf@gmail.com.



produtos locais e voltam com todo o tipo de suprimentos - de materiais de construção e combustíveis a vestuários e produtos de higiene. As indústrias que vão se estabelecendo, passam a fazer parte dessa lógica de negócios competitiva e em expansão. A Fábrica Rheingantz, por exemplo, passa a trazer algodão do Nordeste e tinturas, pigmentos e máquinas da Europa para sua linha de produção. A Fábrica de Charutos Pooch mandará buscar fumos do caribe, de cuba e do Nordeste. Ambas as indústrias necessitarão de maquinário especializado vindo da Alemanha e da Inglaterra, e carvão para seu sistema de funcionamento a vapor. Seus produtos serão enviados para as demais províncias do Brasil, em especial para o Rio de Janeiro e São Paulo, e para o exterior.

Este trabalho estuda, assim, os indivíduos que compõem um grupo de empresários de Rio Grande a partir desse contexto de modernização. O método prosopográfico serve para compreender o grupo mais amplo onde esses indivíduos se inseriam – a elite local riograndina do início do século passado. A aplicação do método tem como objetivo revelar características comuns (permanentes ou transitórias) dentro do grupo de estudo, suas origens, suas relações familiares e suas áreas de atuação profissional, entre outros aspectos. O trabalho subdivide-se em três partes essenciais: 1) a construção do grupo prosopográfico a partir de um conjunto de documentos corporativos e sua posterior análise; 2) a construção de um *Sistema de Análise Prosopográfica*; e 3) algumas contribuições dos conceitos de redes e família para a análise dos dados prosopográficos.

A prosopografia, ou biografia coletiva, torna-se um método útil para a compreensão desse grupo uma vez que permite a análise organizada e sistemática de um grande emaranhado de informações. Quem melhor sintetiza o conceito de prosopografia é Stone em seu texto clássico da década de 1970. Diz o autor que:

A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação (STONE, 2011, P. 115).



A aplicação de um conjunto uniforme de questões como propõe Stone não significa que todas elas venham a ser respondidas para todos os indivíduos. Existem lacunas identificáveis que serão ou não preenchidas. O desafio centra-se, justamente, em se tentar superar tais lacunas através da pesquisa documental meticulosa. Esta é justamente uma das vantagens da aplicação do método: a percepção de lacunas sem que estas inviabilizem a pesquisa, mas, ao contrário, tornem-se parte dela. O estudioso francês Christophe Charle, em artigo sobre o tema, articula algumas advertências a respeito do uso da biografia coletiva e da consciência do pesquisador sobre os limites das estruturas aplicadas *a priori* aos dados. Para o autor, “o trabalho de interpretação leva a marca do historiador que — mais do que em outros campos — age consciente ou inconscientemente sobre seus resultados em todos os níveis da pesquisa: a amostra, a coleta, a codificação e o tratamento dos dados” (CHARLE, 2006, p. 45-46).

Em geral, pesquisas prosopográficas partem de grupos previamente selecionados por fontes específicas, por exemplo, através do uso dos clássicos dicionários biográficos, que reúnem indivíduos a partir de determinados critérios. Esses dicionários agregariam os melhores ou mais destacados em certos ramos de atividades (medicina, política, literatura etc), ou seja, a elite de determinadas áreas³. Outra possibilidade seria observar o grupo a partir de alguma associação de classe, por exemplo, o grupo das diretorias de um sindicato, ou os escritores reunidos através de uma terminada publicação literária. Nesses dois casos, seria possível localizar listas que identificassem facilmente os indivíduos a serem estudados. Este não é o caso do grupo de Rio Grande que se pretende analisar. Não foram encontrados dicionários ou publicações que reunissem satisfatoriamente “a elite empresarial de Rio Grande”. Esses indivíduos também não faziam parte de uma única instituição que se pudesse tomar como base para a construção prosopográfica. Pelo contrário, análises preliminares⁴ indicavam que esses indivíduos estavam ligados a inúmeras empresas (comerciais ou industriais, de tecidos, charutos, alimentos etc.) e associações das mais diferentes ordens (comerciais, filantrópicas e de identidade imigrante, como a Câmara do Comércio, as Misericórdias e a Sociedade

³ Sobre o uso de dicionários biográficos na pesquisa prosopográfica e nos estudos de elites ver: HEINZ, Flávio. **Nota sobre o uso de anuários sociais do tipo *Who's who?* em pesquisa prosopográfica.** In: HEINZ, Flávio (Org). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 154-165.

⁴ A dispersão entre diferentes ramos de negócios dos empresários de Rio Grande foi indicada, anteriormente, em estudo de conclusão de curso: FERRARETTO, Maria Karina. **Fábrica Rheingantz: a empresa, o empresário e os acionistas. Um estudo exploratório sobre a elite econômica de Rio Grande no final do século XIX (1873- 1895).** Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2012.



Germânia). Por isso, foi preciso que se construísse um grupo para análise prosopográfica que, de algum modo, representasse mesmo que parcialmente toda essa diversificação. Essa tarefa foi realizada a partir do desenvolvimento de alguns critérios particulares que acomodassem tanto os indivíduos estudados quanto as fontes disponíveis. Segue-se, assim, os princípios norteadores da prosopografia propostos por Charle. Para o autor, o método pode ser explicado do seguinte modo:

Seu princípio é simples: definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise.

[...]

Uma vez reunida a documentação, e esta é a parte mais longa do trabalho, o exame dos dados pode recorrer a técnicas múltiplas, quantitativas ou qualitativas, contagens anuais ou informatizadas, quadros estatísticos ou análises fatoriais, segundo a riqueza ou a sofisticação do questionário e das fontes (CHARLE, 2006, p. 41).

Logo, a construção desse grupo se dá a partir da observação comparada de uma série de documentos corporativos⁵ relativos às primeiras indústrias da região para o período de 1884-1913, permitindo a seleção de alguns integrantes dessa elite local. Para tanto, entende-se que os estudos de elites podem ser pensados enquanto instrumento capaz de esclarecer alguns aspectos fundamentais das transformações econômico-sociais de determinados momentos históricos. A definição de características gerais de grupos que estão no topo da hierarquia social, suas origens e suas tomadas de posição em diferentes períodos, servem para elucidar os acontecimentos. Entende-se que essa elite empresarial não é um evento isolado, mas um fenômeno a ser examinado “tanto pelas suas bases e atributos sociais quanto pelas suas práticas e tomadas de posição em um dado contexto histórico” (MONTEIRO, 2009, p.26). No caso desta pesquisa, os atributos da elite de Rio Grande explicam sobre o processo inicial de organização das indústrias locais, suas

⁵ Entende-se por documentos corporativos aqueles produzidos pelas empresas, companhias e sociedades como forma de apresentação de resultados, descrições de reuniões e de seus próprios regimes administrativos, sendo eles, os relatórios para acionistas, as atas de assembleias e de reuniões extraordinárias e os estatutos de fundação, entre outros registros oficiais. Para este estudo, foram usados os Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz (um para cada ano, de 1884 até 1914) e as atas de fundação e estatutos da Fábrica de Charutos Pooch, da Moinhos Rio-grandense, do Asilo de Mendicidade de Rio Grande, da Companhia Viação Rio-grandense, além da lista dos presidentes da Associação Comercial de Rio Grande.

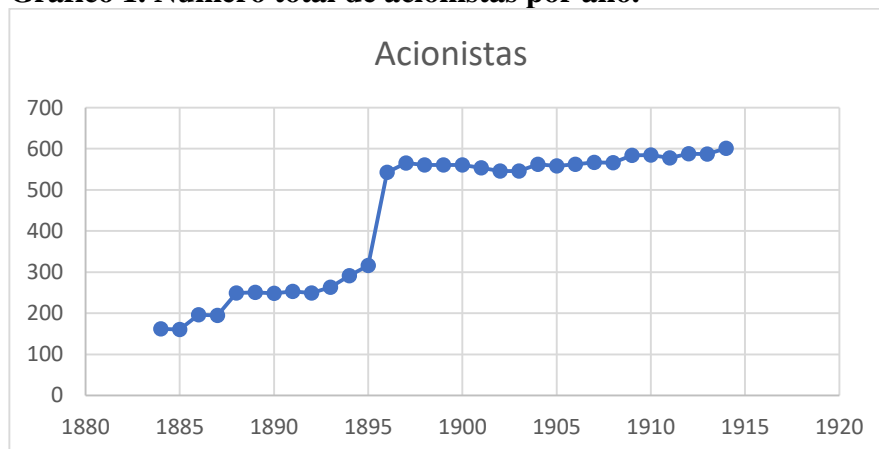
sociedades e associações, e sobre o próprio processo mais geral de industrialização da metade sul do Rio Grande do Sul, processo este que declina em anos posteriores.

Definida a população a ser analisada, busca-se, posteriormente, identificar suas particularidades através do método prosopográfico, ou da biografia coletiva. Cada personagem selecionado possui sua própria biografia, ou uma sequência de fatos que compõem suas diferentes trajetórias de vida. Através da prosopografia objetiva-se, portanto, identificar, pela aplicação de um questionário único, traços partilhados entre os membros do grupo. São abordados aspectos pré-estabelecidos, entre eles, relações pessoais (casamento, filiação, parentes próximos etc.) e relações profissionais (local e instituição de formação, cargos ocupados etc.). O maior desafio é justamente o de analisar os dados de tal forma que seja possível ir além da mera descrição.

Definição do grupo prosopográfico

A construção da população prosopográfica para esta análise tem como ponto de partida as listas de acionistas os Relatórios Anuais da Fábrica Rheingantz. Ao todo, foram pesquisados 33 relatórios, entre 1884 e 1913, de onde partiu-se de um universo total de 14.214 nomes. O número de acionistas mudava anualmente, variando entre 164, em 1884, e 587, em 1913, mas quase sempre aumentando conforme pode ser observado no Gráfico 1. Entre 1895 e 1896, o gráfico mostra um grande salto no número de acionistas, que se refere a uma tentativa de aumento do número de ações comercializáveis para capitalização dos negócios.

Gráfico 1. Número total de acionistas por ano.



Nessa imensa lista, a grande maioria (entre 85-90%) dos nomes se repete ano a ano. Foi necessário, por isso, o estabelecimento de alguns critérios que a reduzisse de



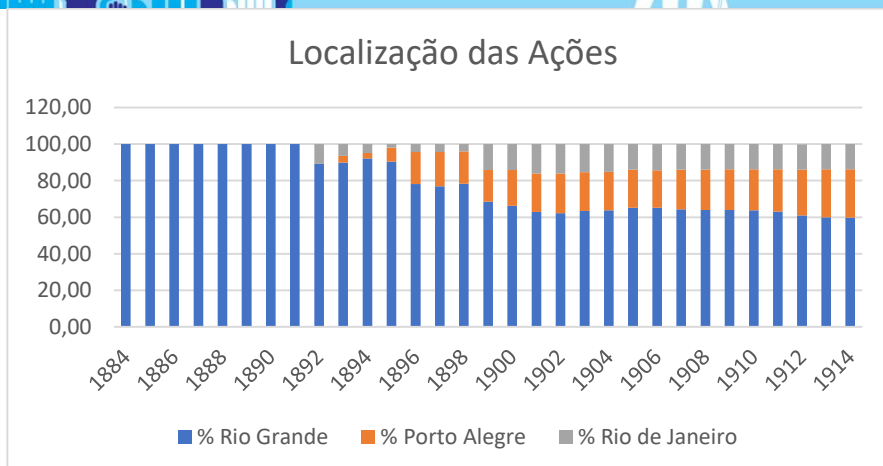
forma objetiva. A seleção final se dá, portanto, da seguinte forma: 1) critério posicional, referente ao número de ações que possuía; 2) critério temporal, referente ao tempo que permaneceu sendo acionista da Rheingantz; e 3) critério relacional, referente ao número de conexões que estabeleceu com outros empreendimentos locais ou regionais. A aplicação do critério 1 exigiu diferentes linhas de corte proporcionais ao número de ações totais comercializadas por faixa de tempo (ver tabela 1), e para o critério 2 tomou-se a permanência como acionista por um período mínimo de 5 anos. Assim, chegou-se a uma lista total de 39 instituições ou indivíduos, considerados para fins de análise, os maiores acionistas da Rheingantz ao longo do período estudado. A comparação entre a tabela 1 e o gráfico 1 permite observar que o número absoluto de ações dos maiores acionistas aumenta em conjunto com o aumento do número total de ações comercializadas a cada ano.

Tabela 1. Linha de corte de acordo com número total de ações comercializadas.

Intervalo	Nº total de ações por ano	Linha de corte (ações)
1884-1885	1100	30
1886-1890	1500-1900	30
1891-1895	8500	60
1896-1913	17500	150

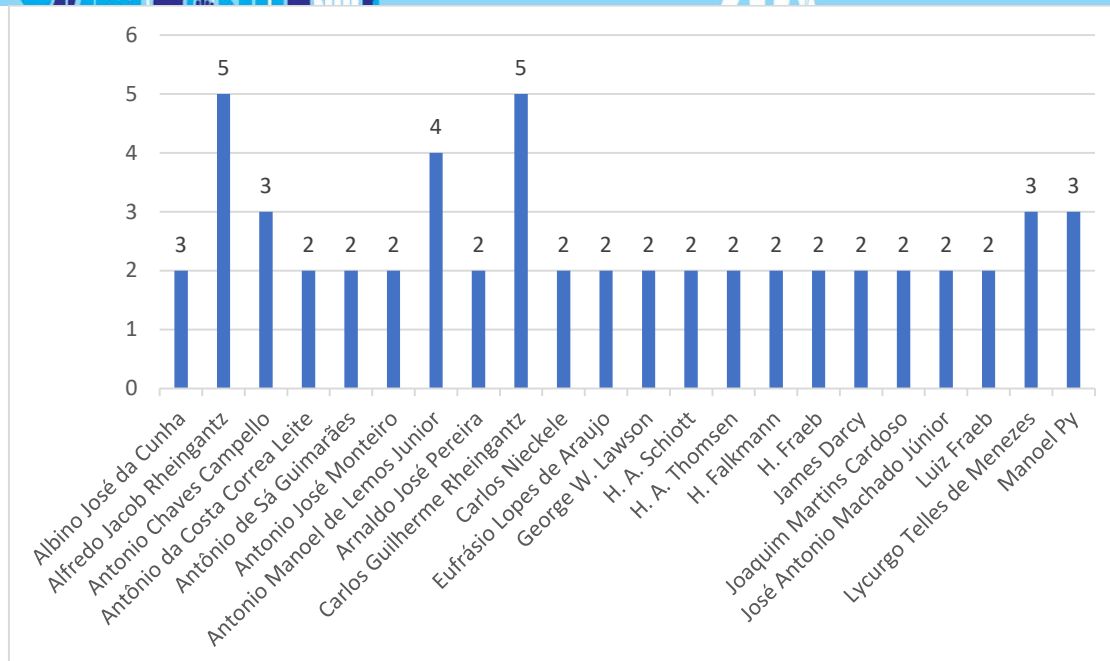
É interessante observar que o registro de ações da Fábrica Rheingantz estava distribuído em três escritórios: Rio Grande (sede principal), Porto Alegre e Rio de Janeiro. Ainda que Rio Grande represente sempre o local de maior concentração de acionistas da companhia, ao longo dos anos, Porto Alegre e Rio de Janeiro ganham espaço entre os investidores como pode ser visualizado no gráfico 2. Destaque-se que algumas das ações registradas no Rio de Janeiro pertenciam a indivíduos ligados por relações de parentesco aos Rheingantz, como é o caso de Maria Delfina Miranda de Sá, sogra de Carlos Guilherme Rheingantz.

Gráfico 2. Distribuição dos acionistas da Rheingantz por sede.



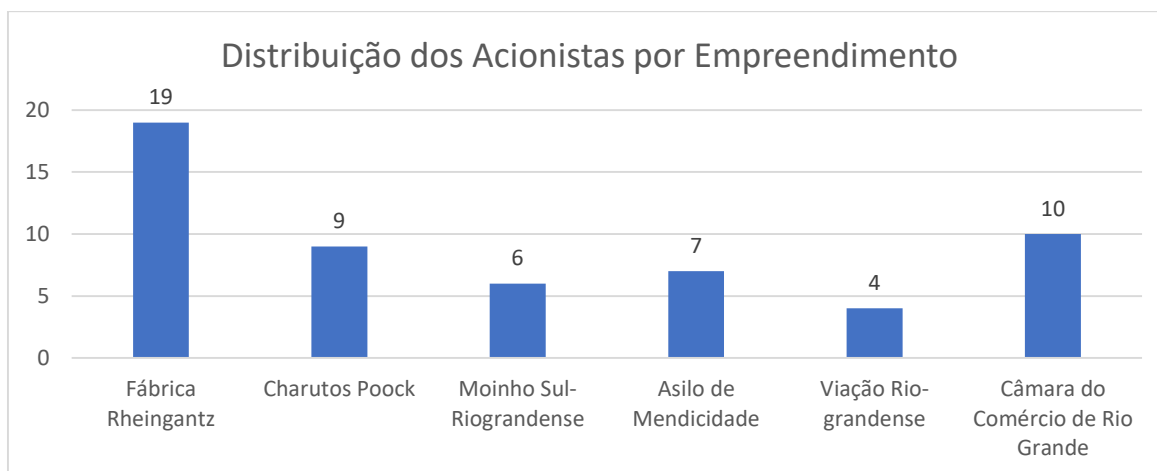
Para a aplicação do critério 3, quanto a relação dos acionistas da Fábrica Rheingantz com outros empreendimentos locais, procedeu-se a criação de um banco de dados que permitiu o cruzamento entre a lista reduzida de acionistas com listas de sócios-fundadores e investidores de outros quatro empreendimentos, que permitiu, assim, a constituição e delimitação final do grupo. Foram utilizados como base de análise e, por isso, denominados de “empreendimentos-chave”, os seguintes documentos: estatuto da Companhia Viação Rio-grandense (1893); ata de fundação e estatutos da Companhia Moinho Rio-grandense (1895); estatuto e ata de fundação da Sociedade Comanditária em Ações Pooch & C. (1891); lista da diretoria do Asilo de Mendicidade de Rio Grande publicada em 1886, no jornal A Federação. Por fim, cruzou-se os nomes também com a lista das diretorias da Câmara do Comércio de Rio Grande de 1884 até 1913. À primeira vista, os quatro empreendimentos são díspares. Eles não atuam no mesmo segmento econômico, não são organizações da mesma natureza, provavelmente não compartilham fornecedores ou clientes, possuem capital de origem variada e têm portes diversos. O que une os cinco, no entanto, é que os mesmos nomes aparecem em seus estatutos de criação, atas de reuniões e listas de acionistas, entre outros documentos. Tomados como objeto central, tanto os Relatórios Anuais, quanto os estatutos e as atas de fundação são aqui compreendidos enquanto fontes para uma história econômico-social das elites industriais locais. Com aplicação do terceiro critério, chegou-se a um total de 83 nomes. Destes, como regra, manteve-se apenas os que participaram de pelo menos dois dos seis empreendimentos mapeados, originando uma lista final de 22 indivíduos que finalmente compõem o grupo prosopográfico de estudo, explícito no gráfico 3.

Gráfico 3. Nome dos empreendedores a serem estudados e número de empreendimentos com os quais possuem envolvimento.



O gráfico 4 mostra quantos dos indivíduos estudados estavam relacionados a cada um dos empreendimentos-chave estudados.

Gráfico 4. Número de investidores do grupo prosopográfico que participam de cada investimento-chave (de um total de 23).



Definida assim a população a ser analisada busca-se identificar suas particularidades através do método prosopográfico, ou da biografia coletiva. Investiga-se quais seriam as características comuns aos indivíduos (se é que estas de fato existem). Em termos mais práticos, o estudo prosopográfico exige do pesquisador conhecimentos



sobre a construção de bancos de dados relacionais, quais as ferramentas existentes e quais as possibilidades de análise pertinentes. Por isso, foi criado o sistema que segue.

Sistema de análise prosopográfica (SAP)

Para viabilizar o estudo proposto, foi desenvolvido o *Sistema de Análise Prosopográfica (SAP)*, com o auxílio de um desenvolvedor web⁶. O modelo foi construído com o uso da linguagem SQL, sigla em inglês para *Structured Query Language*, ou Linguagem de Consulta Estruturada, em português. A SQL é uma linguagem padrão de gerenciamento de informação, que interage com os principais bancos de dados baseados no modelo relacional, e caracteriza-se por ser essencialmente declarativa, ou seja, o programador apenas indica qual o objetivo pretendido para que seja executado pelo sistema. Entre outras funcionalidades, é possível a criação de relações entre tabelas e o controle do acesso aos dados. A descrição detalhada da construção do banco de dados do SAP se faz necessária devido a dificuldades encontrada no andamento da própria pesquisa. A bibliografia consultada sobre o método prosopográfico, quase em sua totalidade, dedica-se a construções conceituais sobre o termo “prosopografia” e suas aplicabilidades enquanto método para os estudos históricos. Entretanto, pouco se encontrou sobre padrões de bancos de dados prosopográficos, como organizá-los e de que forma racionalizar o modelo relacional⁷. Em síntese, exige a organização das informações de forma que se possam criar tabelas de dados que, posteriormente, serão cruzadas, permitindo a geração de relatórios de análise de dados.

A primeira etapa consistiu, portanto, na criação de tipologias principais de cadastro de informações: tipos de personagens, personagens, tipos de empreendimentos, empreendimentos, cargos e funcionários. Para cada categoria, foi preciso listar quais os critérios observáveis, sendo a principal a “personagens”, onde são inseridas as principais informações sobre os indivíduos e onde as principais relações são registradas, como mostra a imagem 1.

Imagem 1. Cadastro de personagens no SAP.

⁶ Esta etapa do trabalho não seria possível sem o auxílio do desenvolvedor web e amigo Devanir Weber, que se dedicou à construção do sistema.

⁷ Para uma primeira aproximação sobre a organização de bancos de dados relacionais e os estudos histórico ver: GIL, Tiago. **Como se faz um banco de dados (em história)**. [recurso eletrônico] Porto Alegre : Ladeira Livros, 2015. 127p.

SAP Tipos de Personagens Personagens Tipos de Empreendimentos Cargos Funcionários Empreendimentos Logout (mkarinaf)

Home / Personagens / Carlos Guilherme Rheingantz / Editar

Editar Personagem: Carlos Guilherme Rheingantz

Nome <input type="text" value="Carlos Guilherme Rheingantz"/>	Tipo de Personagem <input type="text" value="Indivíduo-chave"/>
Sexo <input type="radio"/> Feminino <input checked="" type="radio"/> Masculino	Origem Étnica <input type="text" value="Alemã"/>
Local Nascimento <input type="text" value="Pelotas / RS / Brasil"/>	Data Nascimento <input type="text" value="1849-04-14"/>
Local Casamento <input type="text" value="Rio Grande"/>	Data Casamento <input type="text" value="1873-03-01"/>
Local Falecimento <input type="text" value="Rio de Janeiro"/>	Data Falecimento <input type="text" value="1909-05-30"/>
Formação <input type="text"/>	Ocupações <input type="text"/>
Titulos <input type="text" value="Comendador"/>	Fontes <input type="text" value="Relatório anual da Fábrica Rheingantz;"/>

Filiação

Pai <input type="text" value="Jacob Rheingantz"/>	Mãe <input type="text" value="Maria Carolina von Fella Rheingantz"/>	Fonte Filiação <input type="text"/>
---	--	---

Informação profissional

Empresa <input type="text" value="Fábrica Rheingantz"/>	Cargo <input type="text" value="Superintendente"/>	Data Inicio Cargo <input type="text" value="1895-01-01"/>
---	--	---

Observações

Em 1895, Carlos Guilherme afasta-se da gerência efetiva da fábrica (onde exercia o cargo de surintendente), passando o controle efetivo para seu irmão Alfredo. Estava afastado da fábrica desde 1895. Em 1905, retoma seu lugar na diretoria. Ver relatórios.

© MK 2017

Para os tipos de personagens, criou-se três critérios: a) o indivíduo-chave, integrante do grupo prosopográfico previamente estabelecido; b) o co-investidor, personagem ligado a um ou mais indivíduo-chave por relação financeira ou de negócios através dos empreendimentos; e c) o familiar, personagem conectado a um ou mais indivíduos-chave através de relações de parentesco, podendo um mesmo personagem se relacionar com um indivíduo-chave através de ambas as modalidades (co-investidor e familiar). Também o indivíduo-chave pode ocupar as posições de co-investidor e familiar, conforme o ponto de observação. Por exemplo, Eufrásio Lopes de Araujo, falecido em 1890, foi um dos primeiros investidores da Fábrica Rheingantz, e figura na lista por ter participação na fábrica e na Câmara do Comércio. Eufrásio, visconde de São José do Norte, teve quatro filhos com Maria Joanna de Araujo, entre eles, Gertrudes Preciliana de Araujo Lawson, casada com George W. Lawson. Ou seja, o visconde é, portanto, um indivíduo-chave e um familiar (sogro de outro indivíduo-chave). Outro exemplo, é o caso de Oscar Felipe Rheingantz, cadastrado no sistema como co-investidor e familiar. Oscar



Felipe era irmão de Carlos Guilherme Rheingantz e Alfredo Jacob Rheingantz, ambos indivíduos-chave, logo, entra no sistema como *familiar*. Oscar Felipe teve participação importante na administração da fábrica de tecidos, formou-se em direito na escola de São Paulo e foi um membro ativo do Partido Republicano Rio-grandense (PRR).

Para os tipos de empreendimento, optou-se por se utilizar quatro categorias: a) indústria; b) serviço; c) associação; e d) financeiras e de mercado internacional. A caracterização dos empreendimentos serve tanto para viabilizar no sistema a visualização das relações estabelecidas entre os indivíduos-chave e os negócios, quanto para se compreender a natureza dos negócios em si. Por isso, as nomenclaturas partem do tipo principal de atividade de cada empreendimento. “Indústria” refere-se a empresas que se dedicavam à transformação de matéria-prima. Na categoria de associações, incluem-se, para fins de análise, todos os empreendimentos que não tem uma finalidade econômica ou financeira propriamente dita. Por exemplo, os asilos e as misericórdias. A última categoria, das “financeiras e de mercado internacional”, foi pensada para reunir as companhias de importação e exportação, os bancos e qualquer outro empreendimento de subsídio de crédito. As companhias de importação e exportação, muitas vezes, operavam como agências de crédito, sendo representantes locais de bancos nacionais e estrangeiros. Também serviam de intermediárias entre a produção local e os grandes mercados internacionais e vice-versa. Ou seja, revendiam os produtos locais e auxiliavam na importação das matérias-primas e máquinas necessárias. Um exemplo era a empresa Fraeb & C⁸., da família Fraeb, que era representante da Royal Insurance Co⁹; do Banco Transatlântico, Rio de Janeiro; do Banco Alemão, de Berlim¹⁰; e da Machine Cottons

⁸ Impressões do Brasil no século vinte: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres: Lloyds Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br>. Acesso em 10/05/2017.

⁹ A *Royal Insurance* era uma agência de seguros britânica fundada em 1845. Em 1919, o grupo adquiriu a Liverpool & London and Globe Insurance Company. Mais de cem anos depois de sua fundação, a Royal Insurance uniu-se à Sun Alliance, que tem suas origens nas empresas The Sun, fundada em 1710, e Alliance, de 1824, fundada por Nathan Mayer Rothschild, da segunda geração da família de banqueiros alemães, que se mudou para Londres no início do século XIX.

¹⁰ O Banco Alemão, ou Deutsche Bank, foi fundado em Berlim, em 1870, com o objetivo de facilitar o comércio entre a Alemanha e os mercados internacionais. Atualmente, está presente em 73 países, na Europa, Ásia e nas Américas, incluindo Argentina, Chile e Brasil, na América do Sul, onde se instalou a partir de 1874. No livro *Impressões do Brasil no século vinte*, o Banco Alemão e o Banco Transatlântico são citados como instituições diferentes; porém, o Transatlântico era uma empresa subsidiária do Deutsche Bank que se instalou no Rio de Janeiro em 1911. Fonte e mais informações: Deutsche Bank Brasil, Histórico. Disponível em: <https://www.db.com/brazil/pt/content/Historico.html>. Acesso em: 12/07/2017. DEUTSCHE BANK. Wikipedia. Verbete. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Deutsche_Bank.



Co¹¹ - exemplos da inserção desse grupo de Rio Grande em um amplo comércio internacional que se consolidava.

Outras tipologias também servem para que seja possível se observar características mais específicas. Os cargos e funções ocupadas servem para se estabelecer a relação entre os indivíduos-chaves e os empreendimentos através das posições que cada personagem ocupou nos negócios observados. O estudo dos cargos nos diz sobre o modo como estas relações foram estabelecidas e como de fato operavam. Os títulos, entre eles, barão, comendador ou doutor, falam sobre o modo como os indivíduos eram percebidos pelo restante da sociedade. As diferentes formações e ocupações em outros estabelecimentos demonstram a multiplicidade de negócios com que os indivíduos-chave estavam envolvidos. No conjunto, o estabelecimento de todas essas tipologias busca responder o propósito fundamental do estudo prosopográfico, que seria o de descobrir, a partir da observação de padrões gerais, algumas características fundamentais do grupo estudado. Esses critérios foram incluídos para que não se caísse na armadilha de reduzir a análise apenas ao âmbito das relações familiares. Alguns estudos sobre a família no Brasil têm criticado análises simplificadoras, que ao darem demasiada ênfase às conexões parentais, deixam de considerar outras formas de relações que também são capazes de produzir vínculos fortes, sociabilidades e reciprocidade entre os indivíduos. Nessa linha, Love e Barickman, ao desenvolverem um estudo comparativo em que aplicam a prosopografia, ressaltam a necessidade de se superar a simples comparação biográfica de idade, educação e ocupação, com o objetivo de se verificar como esses indivíduos atuaram como elites. O trabalho dos autores indica a necessidade de se acrescentar outras variáveis de análise, entre elas, a participação em eventos políticos, os atributos sociais, os vínculos com o exterior, os laços com outros estados, as ligações familiares, as características intra-estaduais (como origens urbanas e rurais ou procedência sub-regional) e os aspectos relativos à geração (LOVE&BARICKMAN, 2006, p. 78).

¹¹ A Machine Cottons se popularizou no Brasil como “Linhas Corrente”. A empresa foi fundada em 1755 pelos irmãos James e Patrick Clark, como um negócio de máquinas de tecelagem e fios de seda. Em 1806, devido a falta de fios de seda no mercado, os Clark teriam inventado uma forma de torcer os fios de algodão, abrindo a primeira fábrica de fios de algodão em 1812. Em 1826, o grupo Clark abre filiais nos Estados Unidos, com o nome de Clark Thread Co. Na década de 1830, a segunda geração da família assume os negócios. Atualmente, a companhia é conhecida como *Coats Group* e movimenta mais de 159 milhões de dólares (2016), sendo a maior multinacional de materiais têxteis e de costura. Fontes: KIM, Dong-Woon. From a Family Partnership to a Corporate Company: J. & P. Coats, Thread Manufacturers. In: *Textile History* (jornal), 25 (2), 185-225, 1994. Coats Group, Our heritage. In: <http://www.coats.com/index.asp?pageid=20>. Disponível em: 12/07/2017.



Por exemplo, Antônio Chaves Campello, além de ser chamado de comendador na lista de acionistas da Fábrica Rheingantz e de ter relação com dois dos cinco empreendimentos-chave, foi Tenente Coronel e Comandante Superior da Guarda Nacional na Comarca de Rio Grande (1885), Diretor da Fábrica Rheingantz (1892), Diretor do Asilo de Mendicidade de Rio Grande (1886); Tesoureiro do Asilo Coração de Maria (1889); e Diretor da Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres Rio-grandense (1906). Em 1890, Campello possuía um escritório comercial que recebe proposta de concorrência para fornecimento do material para a construção da Estrada de Ferro Bagé - Uruguaiana. Em 1910, desempenha o cargo de Consul da Bégica em Rio Grande (1910). Além disso, Campello foi casado com Ricardina Maria de Sá Campello, irmã de Miguel Tito de Sá, que por sua vez era sogro de Carlos Guilherme Rheingantz.

Esses dados sobre Antônio Chaves Campello dão uma amostra do tipo de relações que acabam se tornando evidentes a partir da aplicação de um questionário padronizado. Aos poucos, uma teia de relações pessoais vai se formando. O exemplo demonstra que a seleção de acionistas da Fábrica Rheingantz é apenas o pano de fundo para a visualização de um emaranhado de relações econômicas, políticas e sociais que guardam em si o *modus operandi* de um pequeno grupo local situado no topo da hierarquia social. O modelo aqui proposto para a construção do grupo de estudo prosopográfico faz uso de categorias amplas, que por si mesmas acabam incluindo novos indivíduos a essa rede observada, contribuindo, assim, para o adensamento dos dados obtidos.

Contributos analíticos: família, redes e prosopografia

As relações entre os investidores de Rio Grande parecem se desenvolver em dois campos: o econômico, do gerenciamento dos negócios e dos investimentos financeiros; e o social, das relações de parentesco, amizade e o tradicional “quem conhece quem”. Esses dois campos observados em conjunto, constituiriam uma extensa rede de relações, “flexível e discreta, em que os diferentes membros se podem ou não conhecer uns aos outros e interagir entre si” (BARNES *apud* PORTUGAL, 2007, p. 4-5). Adota-se, portanto, a perspectiva de Barnes, de que o conceito de rede é importante não apenas para revelar a estrutura social da elite estudada, mas para o entendimento de processos sociais fundamentais. Neste caso, trabalhar com a noção de rede social pode esclarecer como ocorriam alguns processos, entre eles, o acesso à informação para investimento de capital ou a obtenção de recursos (financeiros, sociais ou políticos) para a manutenção e



sobrevivência dos negócios. Também útil para compreender estes mecanismos é a relação estabelecida por Portugal entre o conceito de rede e o de capital social. Explica a autora que o capital social seria “um tipo de capital gerado nas ‘relações’”, ou seja, através das redes - o que o torna um conceito indissociável do próprio conceito de redes sociais. Os sujeitos se envolveriam em interações e redes de modo a produzir lucros (capital social). A aquisição do capital social envolveria constrangimentos e oportunidades estruturais, que dependem das escolhas e ações dos atores envolvidos (LIN *apud* PORTUGAL, 2007, 15).

Mais reconhecido no Brasil é o conceito de capital social apresentado por Pierre Bourdieu, que está diretamente relacionado à sua economia dos bens simbólicos. Segundo o autor, o capital social se multiplica diretamente através da reprodução da unidade social elementar que é a família (BOURDIEU, 1996). Logo, para Bourdieu, capital social seria “o conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma *rede durável de relações*, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU *apud* PORTUGAL, 2007, p. 17). Para o autor, “o volume do capital social que um agente particular possui depende da extensão da rede de ligações que ele pode mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por cada um daqueles a quem ele está ligado”. Para Portugal,

a perspectiva de Bourdieu mostra que as redes sociais não são um dado natural, antes, são construídas através de estratégias de investimento nas relações sociais, passíveis de serem utilizadas como fontes de benefícios. A definição do autor torna clara a existência de dois elementos no capital social: as relações que permitem aos indivíduos aceder aos recursos e a qualidade e quantidade desses recursos (BOURDIEU *apud* PORTUGAL, 2007, p. 17).

Entende-se, assim, que a aplicação do conceito de rede pode ser diretamente conectada ao método prosopográfico. Como define Portugal (2007, p. 7), “o ponto de partida da investigação não deve ser, portanto, um conjunto de unidades independentes, mas, pelo contrário, o conjunto de relações que as interliga”. Entretanto, ao se compreender que a observação das redes é maior do que a simples conexão familiar, o desafio que se coloca é o de conceber a demonstração dessas redes em funcionamento. Percebe-se, assim, os investidores, segundo o trabalho de Baechler (1995, p. 65-66) sobre as redes de sociabilidade, enquanto um agente social capaz de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as



informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões. Através da análise do conjunto das relações, procura-se também localizar regularidades e categorizações que, de modo indutivo, favoreçam a compreensão ampla dos grupos de estudos prosopográficos. Esta perspectiva da noção de redes vai um pouco na contramão do que propõe Imízcoz (2004, p. 115), ao afirmar que ao invés de partir de categorias pré-estabelecidas, a análise de redes partiria da observação das relações afetivas entre os indivíduos para reconstruir suas redes e configurações reais. A concepção do autor parece adequada à trabalhos em que é possível a observação direta dos personagens estudados. No caso dos estudos históricos, parece interessante o trabalho de se elencar alguns critérios prévios para que, posteriormente, estes possam ser extrapolados. Seria esse um modo de se fugir da super descrição quantitativa proporcionada pela prosopografia de forma tão atraente. Deste modo, a teoria das redes aliada à prosopografia favoreceria o estudo de dois aspectos analíticos fundamentais: os recursos do grupo e a ação (coletiva ou individual). Os diferentes autores podem centrar-se em um ou outro fator, mas ambos são fundamentais para a análise do conjunto.

Considerações finais

Para compreender esse grupo heterogêneo inserido no contexto de instalação da República e de grandes contradições econômicas e políticas, utilizou-se como ponto de partida o método prosopográfico, ou das biografias coletivas. O grupo de estudo foi construído a partir do cruzamento entre as fontes corporativas (listas de acionistas e listas de sócios fundadores) de cinco empreendimentos-chave: a Fábrica Rheingantz, a Fábrica de Charutos Poock, Viação Rio-grandense, a Moinho Rio-grandense e o Asilo de Mendicidade. A utilização da lista de acionistas da Fábrica Rheingantz, a maior da região no período, foi essencial para aparecessem no grupo prosopográfico indivíduos ligados a empresas de importação e exportação, o que conferiu um olhar diferente sobre essa elite local e seus negócios.

Dessa forma, buscou-se apresentar o método prosopográfico e a construção de um banco de dados relacional como métodos para a observação de características comuns e a reconstrução de ações dos sujeitos estudados, dando lugar e significado às suas investidas profissionais e econômicas. O trabalho tinha como objetivo, portanto, mostrar mecanismos para compreender um grupo de empresários de Rio Grande em um contexto mais amplo de modernidade e industrialização. O método prosopográfico é, assim,



entendido como uma das possibilidades para a análise de um emaranhado de relações econômicas, sociais e políticas, ocultas em diferentes documentos que organizam as companhias e sociedades anônimas das quais estes indivíduos faziam parte. Trata-se, em segundo plano, de se perguntar, também, como a forma básica de organização dos seus negócios (as sociedades por ações) poderia, de algum modo, refletir os mecanismos de conexão entre ramos tão diferentes da economia. O uso das noções de rede e de estratégias familiares, a redução da escala de análise direcionada aos indivíduos e suas famílias e o uso do método prosopográfico são as principais metodologias empregadas na renovação de antigas interpretações historiográficas sobre o processo de industrialização do Rio Grande do Sul e a formação de suas elites locais urbanas.

BIBLIOGRAFIA

BAEHLER, Jean. **Grupos e sociabilidade**. In: BOURDON, Raymond (org.). Tratado de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A economia dos bens simbólicos**. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 1996.

CHARLE, Christophe. **A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas**. In: HEINZ, Flávio (Org). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HEINZ, Flávio. **Nota sobre o uso de anuários sociais do tipo *Who's who?* em pesquisa prosopográfica**. In: HEINZ, Flávio (Org). Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

IMÍZCOZ, José Maria. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. Revista da Faculdade de Letras - História, III Série, v. 5, Porto, 2004.

LOVE, Joseph; BARICKMAN, Bert J. **Elites regionais**. In: HEINZ, Flavio. (org.) Por outra história das elites. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MONTEIRO, Lorena. **Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História**. In: *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 1, jan./jun. 2009.

PORTUGAL. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Oficina do CES n. 271. Março, 2007.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. Revista de Sociologia Política, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.